

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Ismael Ferreira dos Santos

HOMEOPATIA E O MODELO BIOMÉDICO: breve discussão sobre racionalidades distintas

Rio de Janeiro

2011

Ismael Ferreira dos Santos

HOMEOPATIA E O MODELO BIOMÉDICO: breve discussão sobre racionalidades distintas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: Leandro Medrado

Co-Orientador: Gladys Miyashiro Miyashiro

Rio de Janeiro

2011

RESUMO

Esta pesquisa foi elaborada na forma de um estudo qualitativo, através de revisão sistemática de bibliografia, com o intuito de fornecer elementos indispensáveis às discussões que envolvem a validade da homeopatia como tratamento. Teve como objetivo principal responder se era possível ou não a incorporação da homeopatia como modelo médico através do paradigma compartilhado pela comunidade biomédica. Também buscou esclarecer ao leitor a fundamentação conceitual da homeopatia, ressaltar as diferenças entre este modelo e o biomédico e no fim desenvolver um raciocínio sobre os bloqueios epistemológicos que surgiram ao propor uma análise do modelo homeopático através do sistema biomédico que possuía uma racionalidade completamente distinta. Para isso foram consultadas as obras de diversos epistemólogos, cientistas, defensores e acusadores do modelo homeopático. Analisamos o histórico da homeopatia, sua fundamentação filosófica e as barreiras que este modelo enfrenta para se estabelecer atualmente. Concluiu-se que não é possível a incorporação da homeopatia através do paradigma biomédico. Entretanto, também se concluiu que ainda é possível a validação de alguns princípios da homeopatia, desde que a comunidade homeopata consiga fundamentar suas bases em princípios gerais e demonstráveis através do método científico. Tudo isso aliado ao desenvolvimento de pesquisas baseadas em um paradigma sólido e distinto do modelo biomédico pode levar a homeopatia a ampliar a compreensão que temos dos processos de adoecimento e gerar terapias mais holísticas.

Palavras-chave: homeopatia. Epistemologia. Paradigmas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
1.1 OBJETIVOS.....	5
1.1.1 Objetivo Geral.....	5
1.1.2 Objetivos Específicos.....	5
1.2 METODOLOGIA.....	5
2 HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO TRATAMENTO HOMEOPÁTICO.....	7
2.1 O FUNDADOR.....	7
2.2 O TRATAMENTO.....	8
2.2 O Remédio Homeopático.....	10
3 CHEGADA DA HOMEOPATIA AO BRASIL.....	12
4 PARADIGMAS CIENTÍFICOS: A HOMEOPATIA VISTA À LUZ DA CIÊNCIA. .	13
5 CONCLUSÕES.....	16
6 REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

O uso de ervas, minerais e outras substâncias como forma de tratamento para pessoas doentes já é relatado desde a formação das primeiras sociedades humanas e apresenta relatos documentais, como no caso do *Papiro de Erbes*, no qual constam os procedimentos médicos utilizados na antiga Civilização Egípcia (FIGUEIREDO, 2005). Inicialmente, esta prática era desenvolvida de forma primitiva e restrita aos indivíduos que tinham acesso aos meios de aprendizado e muitas das vezes o “médico/curandeiro” desempenhava um papel sacerdotal em sua comunidade (FIGUEIREDO, 2005). Entretanto, essa situação foi mudando cada vez mais e nos encontramos atualmente em um panorama no qual a atividade farmacêutica é, junto à atividade médica, altamente dependente do uso de meios científicos e tecnológicos para produzir novos tratamentos.

Devido a tudo isso, para se desfrutar do status de sistema médico realmente eficaz, é preciso que sejam desenvolvidos grandes estudos para determinar a validade do tratamento que se pretende instaurar. Em alguns momentos, entretanto, certos modelos de tratamento rejeitam as vias pelas quais estes estudos são realizados e afirmam a necessidade de mudança dos paradigmas¹ utilizados por cientistas em suas pesquisas. A homeopatia é atualmente um desses modelos de tratamento que reivindicam para si o status de sistema médico, porém ainda não há consenso sobre sua eficácia dentro da comunidade científica. Esta situação vem gerando grandes discussões e criando grandes embates entre aqueles que a defendem como tratamento revolucionário e os que a acusam de ser apenas mais um modelo pseudocientífico e ineficiente. Isto pode ser exemplificado com um caso recente, ocorrido no ano de 2010 durante o Encontro Anual dos Laureados com o Prêmio Nobel na Alemanha, em que o pesquisador Luc Montaigner – laureado com o Nobel em 2008 – fez uma apresentação em defesa da homeopatia e do princípio da memória da água (LEITE, 2010). Ainda assim, o trabalho deste pesquisador não foi convincente e a homeopatia ainda figura como um sistema terapêutico na medida em que é preciso apresentar uma maior quantidade de evidências a fim de comprovar sua eficácia.

Portanto, nesse estudo optaremos por dirigir uma discussão geral que versará acerca do debate e da história em torno da homeopatia. A partir disto, esta pesquisa é importante no sentido de poder instrumentalizar os debates em torno da homeopatia e de sua validade como

¹ Paradigma é uma palavra que vem do grego e significa “modelo”. Segundo KUNN (2006) “um paradigma, é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”.

ciência médica dentro dos parâmetros que são utilizados para validar teorias atualmente. Além do mais, a inclusão da homeopatia como ciência médica ou não tem consequências na forma como são vistos os nossos tratamentos médicos comumente desenvolvidos e pode ser relevante para a sociedade.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo básico entender se é possível ou não a incorporação da homeopatia como modelo médico “científico” a partir dos métodos e parâmetros desenvolvidos comumente pelo sistema biomédico.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os pressupostos em que a medicina homeopática se baseia.
- Buscar ressaltar as diferenças entre a homeopatia e o modelo biomédico, apontando em que pontos ambos os sistemas de conhecimento mostram-se antagônicos.
- Desenvolver um raciocínio sobre os bloqueios epistemológicos para análise um do outro sob uma ótica específica.

1.2 METODOLOGIA

Para o estudo do tema aqui proposto será utilizada uma abordagem primariamente qualitativa da pesquisa teórica através da leitura sistematizada de bibliografia sobre o assunto. A escolha da pesquisa teórica através de bibliografia especializada sobre o assunto ocorreu principalmente com o objetivo de constituir uma maior elucidação ao debate em torno da homeopatia.

O curto período de tempo no qual foi realizado este trabalho de investigação, não permitiu que esta discussão fosse aprofundada da forma que consideramos desejável para esgotar um tema tão multifacetado e polêmico. Ainda assim consideramos que os resultados

eventualmente obtidos neste estudo, embora não possam dar uma resposta final à questão da homeopatia, serão de importante significado para debates posteriores.

2 HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DO TRATAMENTO HOMEOPÁTICO

2.1 O FUNDADOR

O surgimento da homeopatia se confunde com a história de seu criador, Christian Friedrich Samuel Hahnemann, e tem origem no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. Hahnemann, que viveu de 1755 a 1843, foi um médico alemão e nasceu na cidade de Meissen, Saxônia, no dia 10 de abril (CAIRO 1981 apud LUZ, 1987). Embora oriundo de uma família humilde, Hahnemann sempre mostrou aptidão nos estudos e ainda muito jovem era proficiente em diversas línguas – como Inglês, Frances, Grego etc.- e graças a isso teve a oportunidade de estudar em bons colégios e futuramente financiar seus estudos em Medicina através de traduções que fazia. Em 1775 Hahnemann se muda para Leipzig e passa a cursar medicina na Universidade que levava o nome da própria cidade. Durante dois anos manteve-se estudando e fazendo traduções para seu próprio sustento em Leipzig, mas preferiu se dirigir para Viena, na Áustria, pois assim poderia estudar numa clínica médica e ter mais contatos com os pacientes(CAIRO 1981 apud LUZ, 1987).

Após o período que passou estudando e trabalhando em Viena, Hahnemann se muda novamente e obtém o título de médico em 1779 pela Universidade de Erlagen ao defender uma tese sobre as causas e o tratamento da cãibra. Em poucos anos Hahnemann ver-se-ia decepcionado com seu trabalho:

Para mim, foi uma agonia estar sempre no escuro quando tinha que curar o doente e prescrever, de acordo com essa ou aquela hipótese relacionada com as doenças, substâncias que tinham o seu lugar na material médica, por uma decisão arbitrária! Logo depois de meu casamento, renunciei à prática da medicina para não mais correr o risco de causar danos e me dediquei exclusivamente à química e às ocupações literárias. (HAHNEMANN apud FIGUEREIDO, 2005)

Já tendo interrompido suas atividades como médico começou a estudar mais a fundo os princípios da Medicina, Farmacêutica e Química. Em 1790, enquanto traduzia a matéria médica de um autor conhecido como Cullen, Hahnemann deparou-se com a sugestão de um tratamento para malária a base de *Cinchona officinalis* – um alcaloide originário de árvores no Peru. O autor da obra afirmava que a eficiência do tratamento se devia ao fato que a *Cinchona* possuía “qualidades aromáticas e amargas”, mas Hahnemann discordou desta explicação e decidiu experimentar o medicamento em si próprio. Após isso, Hahnemann descreve que

apresentou sintomas muito semelhantes aos da própria Malária e concluiu que a eficiência do medicamento não se devia ao fato de apresentar reações contrárias, mas sim a reações semelhantes. Essa experiência foi marcante em sua vida e o levou a experimentar diversas outras substâncias e a desenvolver um novo tratamento baseado em suas ideias.

A partir desse momento passa a colher então variadas observações acerca da ação das mais variadas substâncias em outros homens e também em si mesmo, chegando a conclusão de que com elas ocorria também o mesmo fenômeno que ocorria com a administração da *Cinchona*, isto é, que os efeitos das drogas correspondiam exatamente aos sintomas das doenças que elas próprias curavam. Assim é que, em 1796, publica um estudo em que passa a defender a ideia de que o princípio por trás do funcionamento das drogas farmacêuticas era justamente o fato de causar reações semelhantes às da doença. Mais tarde, em 1801, Hahnemann irá defender o uso de doses reduzidas para potencializar a ação dos medicamentos e assim vai se dirigindo cada vez mais para a consolidação final de seus trabalhos. Finalmente, num estudo publicado em 1807, Hahnemann nomeia seu método de homeopatia ao publicar no periódico de Hufeland um ensaio intitulado “A medicina da Experiência”.

Já tendo elaborado ainda mais suas ideias a respeito de seu novo método terapêutico, Hahnemann escreve em 1810 sua principal obra, o *Organon da Arte de Curar*, na qual estão descritos todos os princípios de seu método. Tendo sido sucessivas vezes reeditadas ainda em vida, a edição final (6ª edição) data de 1842, mas só foi publicada alguns anos após sua morte, e ficou conhecida apenas como *Organon*, obra na qual estão descritos todos os princípios de sua terapêutica que são válidos ainda hoje.

2.2 O TRATAMENTO

Conforme já dito o tratamento homeopático foi criado por Hahnemann na primeira metade do século XIX, e tal nome provém da junção dos termos *homóis* + *pathos* = homeopatia, nome esse que significa semelhante a doença. Esse nome foi cunhado devido a um dos princípios básicos estipulado por Hahnemann em seu livro *Organon*, no qual ele enuncia o princípio *similia similibus curentur*, isto é, os semelhantes curam os semelhantes.

O tratamento homeopático consiste em prescrever para um paciente que apresente determinados sintomas doses extremamente diluídas de compostos que, segundo Hahnemann,

em doses normais causariam sintomas semelhantes em uma pessoa não sintomática. Nas palavras do próprio Hahnemann:

A regra admitida em medicina de tratar as moléstias pelos remédios contrários ou opostos é completamente absurda. Estou persuadido, ao contrário, que as moléstias cedem aos agentes que produzem uma afecção semelhante (*similia similibus*). Seguindo esse sistema consegui fazer desaparecer a disposição às azias com diminutas doses de ácido sulfúrico, em casos que inutilmente já haviam administrado uma multidão de pós absorventes. (HAHNEMANN apud FIGUEREIDO, 2005)

Os homeopatas geralmente estudam todo histórico do paciente e elaboram questões sobre o estado físico, emocional, mental e quaisquer outros fatores que eles possam julgar válidos, como grandes decepções ou outros acontecimentos na vida do paciente. Assim, a escolha do tratamento será baseada nas recomendações das **Matérias Médicas Homeopatas**, obras em que constam uma compilação de dados sobre que substância utilizar para determinados sintomas.

Não existe apenas uma única corrente na homeopatia que tenta dar conta de explicar os motivos pelos quais indivíduos adoecem e qual a melhor forma de tratá-los. Segundo Hahnemann, o corpo humano é mantido vivo graças a um princípio imaterial denominado força/energia vital que é responsável por manter todas as partes do corpo operando em harmonia. Esse mesmo princípio era defendido de forma semelhante por Hipócrates no que era chamado de *vis medicatrix naturae*, ou força curativa da natureza. Nos casos em que essa “força vital” é abalada por algum motivo – geralmente um estado mental negativo, que Hahnemann definiu como lei da suscetibilidade – ocorrem manifestações visíveis, os conhecidos sintomas. O estado mental negativo atrai entidades denominadas miasmas que se manifestam como sintomas quando a força vital está desequilibrada. O objetivo do tratamento homeopático deve ser restaurar a força vital.

Quando o Homem adoecer é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material, presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morbífico, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções. (HAHNEMANN apud FIGUEREIDO, 2005)

Outras formas de teorias vitalistas também existiram em meio ao século XIX e elas foram durante muito tempo a corrente hegemônica em toda a ciência para explicar os fenômenos de origem da vida. Os exemplos mais conhecidos eram as afirmações de Platão de que sapos poderiam se formar através da lama dos brejos e outras alegações que embora pareçam incoerentes nos dias de hoje eram normais naquela época. Muitos cientistas acabaram derrubando essa crença e atualmente a Biologia não trabalha mais com essa noção. Este é outro ponto em que a homeopatia enfrenta críticas, pois seus conceitos não se modificaram com o avanço das outras áreas de conhecimento.

2.2.1 O Remédio Homeopático

A preparação de um remédio homeopático é baseada em princípios completamente distintos dos utilizados pelo modelo biomédico. As bases do modelo biomédico afirmam a presença de agentes vivos (vírus, bactérias) como sendo a principal causa de doenças e a concentração do princípio ativo um fator importante para a eficácia do tratamento. Já a Homeopatia trabalha com o conceito de doses dinamizadas e quanto mais diluídas e dinamizadas forem as doses maior será seu potencial de cura. É preciso esclarecer que a homeopatia trabalha com a noção de sujeitos doentes enquanto o modelo biomédico define que certos quadros clínicos são ligados a um agente patogênico e assim categoriza tudo em forma de doenças.

Por conseguinte, formas distintas de pensar levam a modos distintos de tratar e como última consequência isso gera uma forma diferente de produzir medicamentos. Para a preparação de um medicamento homeopático é necessário seguir uma série de passos que podem ser realizados de forma mecânica ou de forma manual, tudo depende dos recursos à disposição. Os passos são quatro e serão agora explicados: obtenção e preparação da substância, dissolução/diluição e dinamização.

O primeiro passo na preparação de um medicamento homeopático é a obtenção das substâncias que devem ser usadas no tratamento do doente que foi devidamente diagnosticada, geralmente tendo como base os receituários de matérias médicas homeopáticas. Caso o paciente sofra com falta de ar, por exemplo, lhe será recomendado Arsênico, já que essa substância em concentrações comuns causa falta de ar. Tendo-se escolhido as substâncias adequadas é necessário diluí-las em algum tipo de veículo – que

pode ser líquido ou sólido, como o álcool ou a sacarose – até se obter a concentração desejada.

O método de diluições homeopáticas funciona da seguinte forma: para se obter um medicamento com concentração C1, 1C ou 1CH deve-se diluir uma parte da substância a ser utilizada em 99 partes do veículo indicado(geralmente uma mistura de álcool e água), após isso deve-se diluir 1 parte do insumo obtido no processo anterior em 99 partes do solvente que está sendo usado para se alcançar uma potência 2CH e assim sucessivamente até se alcançar a potência desejada. No final das contas a conversão da escala homeopática em escala centesimal é feita através do seguinte cálculo $(X)CH = 100^{-X}$. Quanto mais diluído for o medicamento maior é considerado o seu poder de cura. Após isso é preciso imprimir agitações violentas sobre o composto diluído – o que Hahnemann chamou de dinamização – para assim ao final liberar suas “virtudes medicinais imateriais”. A dinamização é um processo essencial, pois se considera que assim as propriedades do soluto original ficam “impregnadas” na estrutura do solvente.

A forma como é elaborado o remédio homeopático é o principal ponto de debate em torno da validade de seus princípios. No século XIX, quando este modelo de tratamento foi proposto por Hahnemann, a noção de átomo era muito pouco desenvolvida e não se conhecia o chamado Número de Avogrado. O número ou constante de Avogrado estipula que para cada 1 mol de cada substância há $6 \cdot 10^{23}$ átomos. Dessa forma, em medicamentos homeopáticos, cujas diluições mais comuns são 30CH ou 60CH é praticamente impossível restar uma molécula sequer do soluto original. Esse é um questionamento que os homeopatas procuram tentar responder de inúmeras formas, mas ainda não o foram suficientemente capazes.

3 CHEGADA DA HOMEOPATIA AO BRASIL

A homeopatia foi introduzida no Brasil em 1840 por um discípulo direto de Samuel Hahnemann, o médico francês Benóit Mure (1809 – 1858). Mure desembarcou no Rio de Janeiro em 1840 logo após viagens por toda a Europa, onde divulgou o tratamento homeopático que teria sido responsável por salvar-lhe a vida quando nenhum outro método funcionou. Além disso, trazer as ideias da homeopatia para o nosso país não era seu objetivo principal, mas sim a fundação de falanstérios – comunidades socialistas - onde fica atualmente o estado de Santa Catarina.

Não tendo obtido sucesso com seus planos de fundar uma comunidade baseada nas ideias dos primeiros socialistas, Mure se transfere para a cidade do Rio de Janeiro, dessa vez com o intuito de criar um instituto homeopático neste local. Já tendo se mudado para o Rio de Janeiro funda, em Dezembro de 1843 com a ajuda de amigos, o Instituto Homeopático do Brasil com o seguinte objetivo: “O instituto homeopático do Brasil é uma associação que tem por fim propagar a Homeopatia por meio do ensino, publicações, experiências e prática desta ciência; e pela preparação dos remédios homeopáticos, os mais puros e homogêneos que seja possível obter”(CAIRO 1981 apud LUZ, 1987).

Desde a chegada do francês Benóit Mure até o reconhecimento da homeopatia como especialidade médica transcorreram-se 140 anos. Em 1980 o Conselho Federal de Medicina (CFM) reconheceu a homeopatia como especialidade médica por meio da resolução 1000/80 e atualmente alguns tratamentos homeopáticos são endossados por meio de programas que recebem financiamento do governo. A Política Nacional de Práticas Complementares e Integrativas no SUS (PNPIC) foi publicada por meio das Portarias Ministeriais nº 971 em 03 de maio de 2006, e nº 1600, de 17 de julho de 2006 (BRASIL, 2006, p. 7).

4 PARADIGMAS CIENTÍFICOS: A HOMEOPATIA VISTA À LUZ DA CIÊNCIA

O desenvolvimento científico do mundo ocidental teve como marco o período Renascentista, que originou uma revolução dentro dos hábitos ocidentais e criou terreno fértil para o surgimento de novas ideias e proposições ao romper com a tradição escolástica do período medieval. Estes acontecimentos impulsionaram a criação de novos métodos e teorias que se mostraram mais consistentes com os fenômenos até então observados e culminaram na Revolução Copernicana e nos novos métodos de experimentação física utilizados por Galileu. Assim sendo, os episódios aqui relatados deram origem ao que se chama de **método científico** e iniciaram uma trajetória de séculos de aprendizagem que aumentou vertiginosamente os conhecimentos técnicos da humanidade e adicionaram um elemento a mais de racionalidade nas investigações humanas.

Essa cultura de racionalidade, entretanto, não se desenvolve livremente e enfrenta problemas tanto advindos de caráter político e moral, quanto advindos da própria natureza dos processos de aquisição do conhecimento. Embora as barreiras criadas pelos problemas derivados da conjectura social de uma determinada época não possam ser transpostos unicamente pela própria ciência, esta desenvolveu um crivo para testar a validade de suas teorias – o já citado método científico. Este método é uma forma de gerar teorias científicas embasadas por fenômenos que possam ser verificadas através de exames que busquem atestar sua validade ou falibilidade (KUHN, 2006).

Em função da característica falível das teorias científicas, muitas delas podem ascender no campo científico e decair com extrema facilidade, pois tão logo estas se põem em evidência surge imediatamente um corpo de experimentos e críticas que podem fazer ruir seu edifício teórico. Entretanto, um conjunto de ideias e práticas só podem se conceber como teoria científica na medida em que elas estejam acessíveis para análise, controle e crítica baseadas nos mesmos meios que se usam para elaborar qualquer outra teoria científica. Logo, subentende-se que, para se qualificar como ciência, é preciso que um corpo de conhecimento qualquer tenha como parte de si a acessibilidade ao exame e crítica de sua funcionalidade e coerência de suas ideias.

Toda produção científica é inevitavelmente uma produção humana, e da mesma forma que os seres humanos são influenciados por sua formação social, época e conjunto de crenças os cientistas também o são. Seria demasiada ingenuidade supor que a produção científica não é afetada pela conjectura histórica e política da sua produção. Entretanto, tentar minimizar

essa influência o máximo possível é um dos grandes diferenciais da atividade científica. Um ingrediente essencial para a elaboração de uma teoria científica é a presença de evidências universais e que são acessíveis a razão de qualquer ser humano. É preciso compreender este fator para evitar cair no erro recorrente de tentar mesclar opiniões próprias com o estudo dos fenômenos naturais. Isto distingue, por exemplo, Ciência e Religião, pois enquanto a primeira tem a obrigação de provar de forma universal suas afirmações a segunda tem a liberdade de poder basear-se em questões de fé. Isso não faz de uma atividade melhor que a outra, mas permite compreender suas diferenças e evita erros e formulação de opiniões dogmáticas.

Ultimamente o uso de medicamentos homeopáticos tem sido alvo de uma grande controvérsia em relação à sua eficácia. O número de artigos afirmando que pesquisas duplo-cego² utilizando medicamentos homeopáticos não indicam efeitos mais relevantes que o de um placebo³ tem gerado grande discussão em torno do caráter científico deste modelo. De um lado estão médicos e pesquisadores que afirmam ser a homeopatia nada mais que um tratamento antiquado proposto há mais de 200 anos e que não sofreu mudanças necessárias mesmo com o desenvolvimento da química nesse período. Por outro lado a comunidade homeopática afirma que os estudos desenvolvidos são falhos em produzir conclusões válidas sobre seu tratamento, pois não levam em consideração a individualidade de cada paciente e caíram na armadilha de oferecer um mesmo tratamento para inúmeras pessoas que apresentam particularidades entre si.

Em 2005 foi publicado um artigo na revista *The Lancet* que era uma metanálise de diversos experimentos controlados-placebo e convencionais baseados no “Programa Para Avaliação de Medicinas Alternativas” do governo suíço. O estudo causou polêmica ao concluir que “*there was weak evidence for a specific effect of homoeopathic remedies, but strong evidence for specific effects of conventional interventions. This finding is compatible with the notion that the clinical effects of homoeopathy are placebo effects*”⁴. Esse estudo faz

² Pesquisas duplo-cego são estudos em que o interessado na validade de um tratamento recruta examinados e examinadores que não saberão que substâncias estão sendo usadas em determinado momento. Lhes são entregues capsulas que podem ou não conter um princípio ativo. Se a análise final revelar que não houve diferença entre os grupos que receberam o princípio ativo e uma substância inerte, conclui-se que é improvável que haja eficácia naquele tratamento.

³ Placebo vem do latim e significa “agradarei”. Este é o termo usado para descrever uma substância inerte que é administrada como se fosse um medicamento com o intuito de averiguar se a crença do paciente no tratamento irá produzir efeitos positivos. (TEIXEIRA *et al*, 2010)

parte de uma longa controvérsia que envolve periódicos científicos tradicionais, cientistas pautados pelo paradigma biomédico e homeopatas.

Em 1988 o pesquisador francês Jacques Benveniste publicou um artigo na revista *Nature* – o periódico científico mais respeitado mundo – sobre um dos temas fundamentais à homeopatia: a memória da água. Este princípio pode ser explicado de forma muito simples: memória da água seria a capacidade que esta substância possui de reter em sua estrutura a propriedade de substâncias que foram diluídas nela. A comprovação deste princípio seria um dos mais importantes estudos já realizados na história da ciência e colocaria fim as acusações de que a homeopatia não funciona, pois suas doses são extremamente diluídas. Porém, após a publicação de seu trabalho e a repercussão gerada por este os editores da revista *Nature* resolveram por a prova os experimentos realizados. Para isso, foi contratada uma equipe independente que conclui como inválidos os resultados obtidos e afirmou que o laboratório de Benveniste estava contaminado. Este fato ocasionou a completa ruína de Benvenistes. O pesquisador perdeu seu emprego, seu financiamento de pesquisa, virou motivo de chacota pública e só se ouviu falar dele em 2004, quando recebeu-se a notícia de sua morte.

O mal estar gerado foi tão grande que a maioria dos homeopatas desistiu de tentar publicar evidências em revistas científicas reconhecidas.

⁴ Houve fraca evidência dos efeitos específicos dos remédios homeopáticos, mas fortes evidências dos efeitos específicos de tratamentos convencionais. Essa descoberta é compatível com a noção de que os efeitos clínicos da homeopatia são efeitos placebo. (SHANG, A. et al, 2005, tradução nossa).

5 CONCLUSÕES

Toda a discussão elaborada até o momento demonstra o quão distintos do modelo biomédico são os conceitos que a homeopatia defende. Isso mostra que é incoerente realizar qualquer tipo de ação pautada pelo paradigma biomédico no sentido de obter resultados definitivos em favor da homeopatia. Logo, a resposta encontrada para o questionamento inicial dessa pesquisa é de que são nulas as chances de incorporação da homeopatia como matéria médica científica através do paradigma biomédico. Kuhn (2006), criou o conceito de “princípio da incomensurabilidade” para explicar o motivo de dois paradigmas que tentam responder a mesma questão serem incompatíveis. O princípio define que paradigmas diferentes estabelecem uma visão muito distinta de mundo, de modo que não podem ser comparados. É como se fossem duas línguas que expressam os mesmos fenômenos, mas não há possibilidade de tradução entre ambas. Isso não significa que o novo paradigma é melhor que o anterior, apenas estabelece que eles são em geral incompatíveis. Dois modelos distintos de pensamento que buscam responder a uma mesma questão na história da ciência não são incomuns. Assim aconteceu durante a Idade Média nas disputas entre a física de Galileu e Aristóteles, e no século XX com a física quântica.

Diversos pensadores nomearam esse fenômeno de ruptura com um velho modelo de explicação e a ascensão de um novo. Segundo Kuhn (2006) essas rupturas ocorrem devido ao fato de o paradigma compartilhado por uma comunidade científica não conseguir mais responder com adequação todos os fenômenos que ele aborda, quando isso acontece ocorre uma crise. O novo paradigma nasce da necessidade de propor um modelo que abarque mais fenômenos conhecidos. Assim, uma teoria nunca será suficiente para descrever a natureza e por isso a ciência está sempre em constante processo de aprimoramento.

Outro ponto tocado nessa pesquisa é a questão dos bloqueios epistemológicos que impedem a análise da homeopatia pela ótica do modelo biomédico e vice-versa. O fato de a ciência trabalhar com generalizações e idealização dos fenômenos observados pode muitas das vezes criar conceitos que se convertem em obstáculos ao progresso do conhecimento, pois se enclausuram, tornam-se estáticos e convertem-se em opiniões dogmáticas. Portanto, tomar o modelo biomédico como ponto de apoio para análise da homeopatia gera inevitavelmente um bloqueio epistemológico, pois seus conceitos não refletem a forma de enxergar adotada pelos homeopatas.

No decorrer desse estudo muitos conceitos previamente adotados mostraram-se insuficientes para a análise do tema proposto. Toda a atividade humana por trás da história do desenvolvimento científico revelou o quanto estamos sujeitos a erros mesmo nos campos mais objetivos em que trabalha a mente humana. Ainda assim, o conhecimento científico está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento social. Infelizmente, nossa sociedade não direciona os recursos da maneira correta, mas essa situação tende a mudar (CAPRA, 2004).

É provável que o avanço do conhecimento humano integre todos os diversos métodos terapêuticos que conhecemos atualmente. Embora nossa medicina hegemônica seja extremamente desenvolvida e possua inúmeros meios tecnológicos para elaborar seus diagnósticos, ainda sofremos com casos de doenças que poderiam ser facilmente evitadas, como diabetes, obesidade, etc (CAPRA, 2004). Transcender os aspectos puramente biomoleculares da pesquisa científica é uma das tarefas desafiadoras que a medicina enfrenta no século XXI.

REFERÊNCIAS:

CAPRA, Fritjof. **Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 444p.

DAVENAS, E. et al. Human basophil degranulation triggered by very dilute antiserum against IgE. **Nature**, v. 333, p. 816-818, Jun. 1988.

FIGUEIREDO, P. H. **Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos**. São Paulo: Lachâtre, 2005.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectivas, 2006. 260p.

LEITE, Marcelo. **Descobridor do HIV defende a polêmica "memória da água"**. 30 jun. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/759531-descobridor-do-hiv-defende-a-polemica-memoria-da-agua.shtml>>. Acesso em: 7 out. 2011.

LUZ, M. T. **A Questão da homeopatia**. Rio de Janeiro: 1987.

LUZ, M. T. **Natural, racional, social; razão médica e racionalidade científica moderna**. 2 ed. rev. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p.

SHANG, A. et al. Are the clinical effects of homoeopathy placebo effects? Comparative study of placebo-controlled trials of homoeopathy and allopathy. **The Lancet**, v. 9487, n. 366, p. 726-732, Aug. 2005.

TEIXEIRA, M. Z. et al. The placebo effect and homeopathy. **Homeopathy**, v. 99, n.2, p. 119-129, Apr. 2010.